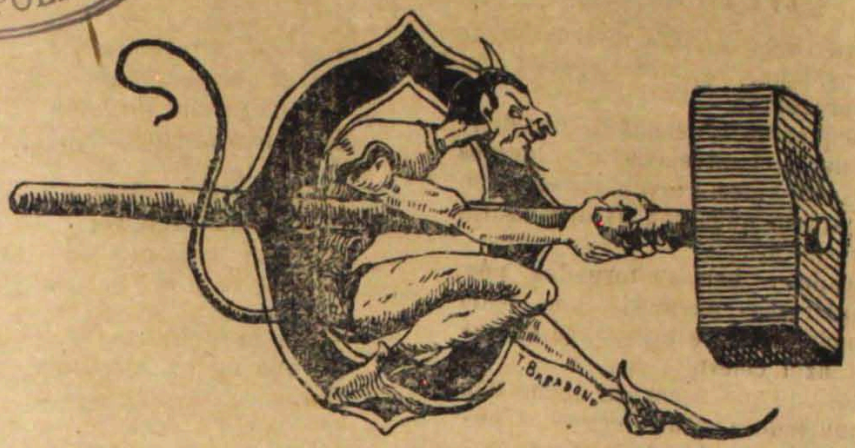
Bibliotheca Publica

BIBLIOTHECA PUBLICA
de Santa Catharina
FLORIANOPOLIS

ANNO I — PUBLICAÇÃO QUINZENAL — REDACTORES DIVERSOS — NUM. 2



ORGAM HUMORISTICO E LITTERARIO

Florianopolis, 1 de Junho de 1904.

EXPEDIENTE

Trimestre.	$500
Avulso.	$100
Atrazado	$100

—

Qualquer pessoa que arranjar 5 assignaturas novas, pagas adiantadamente, fica com direito a uma assignatura gratis. Acceita-se collaboração, devendo estas serem entregues ao sr. Jorge Albino Ramos, no café popular.

O Martello

Aos collegas que tiveram a amabilidade de referirem-se ao apparecimento d'O MARTELLO, enviamos nossos agradecimentos, e esperamos ser desculpados em não transcrevermos as respectivas noticias, pois, como sabem, não dispomos do necessario espaço.

Aproveitando a occasião, participamos aos illustres collegas, bem como aos amaveis leitores que este periodico pertence a uma sociedade anonyma, sendo unicamente impresso no Gabinete «Lealdade», o qual nada tem com as materias aqui publicadas, conforme termo de responsabilidade assignado no dia 14 do corrente, na Superintendencia Municipal.

INGRATO

Pobre Martello, foi parar em cima da meza da Redacção d'O Dia e nem um agradecimento! Máu!..

Telegrammas

Redacção *Martello*.

Lagoa, 28.

Povo Lagoense furioso questão limites creado Lei Municipal 213 de 25 Abril findo pede revogação referida Lei, sob pena suspender exportação canninha.

Povo prepara fogueiras assobio, caso seja suspensa Lei.

Lagoa, 28.

Convidamos Redacções «Estado», «Republica», assistir fandango regosijo, caso triumphe reclamação habitantes zona desmembrada.

Vieira & Cameu.

—

Corrego Grande, 28.

Povo satisfeito pertencer districto Trindade. Grande manifestações preparada autor projecto hoje Lei que deve perdurar beneficio nosso.

Viva Trindade!

Habitantes.

Ora graças!

E' o caso de darmos parabens ao sr. Superintendente Municipal pelo sempre sonhado e idealisado trapiche, e que hoje com admiração vemos que é uma realidade.

Não sirva elle agora de albergue á esses noctivagos ou *Hospedaria da Meia Lua*, são os nossos votos.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

IVETTE

Ivette era uma donzella moreninha de olhos luzidios, inquietos, tão negros como uma noite procellosa.

Na sua pequenina e risonha bocca, delicado favo de mel, alvejavão uns dentes symetricos, brilhantes, invejando a mão habil d'um artista que não os organisaria com mais perfeição.

Seos delicados e bem contornados pés, aquecidos nas roseas meias de um tecido suave, escondião-se nos sapatinhos mimosos de seda azul celeste.

Os cabellos, de que a cor do ebano não é mais pronunciado, em fios longos e ondeados, cahião-lhe nos hombros n'uma desordem que agradava.

Era á tarde.

Recostada n'uma cadeirinha de assento avelludado. Ivette mostrava no meigo sorriso que agitava seos labios rubros o prazer talvez de algum idyllio na musica de um beijo...

O tremulo soluçar da jurity, o leve adejar do colibri sobre as flores que aromatisavão o ambiente, a melodia simples de uma canção sentimental que suspirava uma flauta, davão áquella meiga e seductora mulher um quer que seja de divinal.

Vel-a era sentir o delirio de possuil-a na embriaguez d'um amplexo demorado.

Possuil-a—era sentir a vida no supremo gozo da ventura.

Já os passarinhos não mais entoavão seos cantos de alegria ao astro rei que deitava-se lentamente no seo leito de purpura.

A natureza emmudecia para a vida dos amores. E ella, a fada que agora occupa a imaginação fogosa do leitor, n'um momento de gracejo pouco commum, como que zangada de olhares profanos, dizia um adeus de mão fechada.

Sylvio de Alencar

FESTANÇAS A' REGISTRAR

Espirito Santo. Muito povo, muitas prendas, pouco *cobre* e muita *camuéca*.

Sò faltou um foguinho, e etc...

Ha desculpa. A crise está medonha...

Mez de Maria. Correcto. Como sempre. Cantos, louvores, bôa musica, e olhares incendiarios que era *um* louvar a *Deus de gatinhas*.

Trindade Dia esplendido, festa tambem; ninguem bebeu e o *rabo de saia* não se mecheu.

?

Um homem surumbatico
Agacha-se na gramma
De um jardim de fama
De bairro aristocratico

E um perfume exotico
Voou pelo canteiro;
E, nisto, o jardineiro
Gritou, todo plethorico

—D'essa patifaria
Eu vou em quanto é dia,
Dar parte ao Sr. Barão.

—Dar parte? tal não digo!
Dê toda ao seu amigo!
E sae pelo portão.

Cinasto Lucio

Vem agua, bonds exgotto
E luz electrica tambem
Só p'ra a columna da praça
E' que a estatua não vem.

DIALOGO

(Entre dous moços, na barraquinha do Espirito Santo).

G.—Oh! B. lestes *O Martello*?

B.—Li.

G.—Vistes aquelle pedacinho em que dizia que tu te esquecestes quanto era 9 vezes 7.

B.—Aquillo são cousas de despeitado, pois então aquelles bobos não vêm que eu sei quanto é 9 vezes 7, pois, 9 vezes 7 são 63, então porque n'aquella occasião esqueci-me, já era para elles dizerem que eu não sabia.

G—E' despeito, é. Commigo tambem mexeram, disseram que eu esperava a minha nomeação todos os sabbados e ainda não fui nomeado pois, isto é a cousa mais natnral do mundo esperar-se e não ser-se, o Maneca tambem dizia que já tinha recebido telegramma de nomeação e até agora....nada.

B—Espera que algum dia ha de vir e não dá ouvidos aquelles malucos e despeitados d'*O Martello*.

G.—E' isso mesmo que eu faço e aconselho que tu tambem faças o mesmo.

B—Adeus, eu tenho que arrematar uma boneca de massa para mandar para casa.

G—Adeus eu vou ver a menina.

Z. B. Deu.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Visão noturna

Era de um azul escuro o céo e salpicado de estrellas que tremiam com luz baça pela amplidão celeste!

Era dessas noites que a terra envolta n'um manto do lethargo insondavel parecia dormir profundamente, e que a luz da Lua suave, branda, e prateada não nos vem banhar o espaço com a poesia da claridade amena...

Entretanto meus olhos percorriam lá pelo céo de azul escuro e fictavam as estrellas como perguntando-lhes se a luz dos olhos de minha amada tambem entre ellas lantejoulava!

E minha alma no doce embevecimento de um idylio amoroso, na illusão de um beijo apaixonado de ouvil-a e sentir-lhe o perfume embriagante, acordou-se pela approximação de um vulto que vinha a passos quasi lentos!...

Como eu nervosamente anhelava!

•

E fui obrigado a tapar o nariz e ir me embora para casa, porque aquelle vulto não era mais que um comboio ambulante e... borrou me a poesia!...

Poock.

Quem espera desespera
Quem espera sempre alcança,
Mas de ver a tal estatua
Já não temos esperança.

CAIXÃO DO LIXO

E. B. Não tem lugar o que pede. Procure estudar mais um bocadinho a lingua portugueza e volte, querendo.

Zé Perneta. O Senhor está louco? Em que terra viu o senhor elephante com pennas para dizer em seus versos.

Com as pennas d'um elephante
Macia rede farei

A que ponto chegou a vossa imbecilidade!

José Marcellino. O seu *amor e descrença* não presta, mande outra couza melhor.

CUMULOS

De paixão—Beijar o bocca da...noite.

De coragem—Destroncar um braço de...rio.

De curiosidade=Levantar a fralda da...montanha.

Ali-Pio

PERFIL FEMININO

I

A. S.

Delicada estatura, lindo rosto
Capaz de nos fazer apaixonar.
E' amante da moda, e muito gosto
Nos revela seu modo de trajar.

Na pequenina bocca, bem disposto,
Um collar d'alvos dentes faz mostrar.
E o brilho de seus olhos é composto
Da luz opalescente do luar.

Elegante cintura, porte airoso
Fascinante no andar, e primoroso
Tem o seu talhe de atractivo cheio.

Seus cabellos são crespos, a voz doce
Como si feita d'harmonia fosse,
Como si fosse feita de gorgeio.

X.

NA HORTA

(*Sentados em baixo do alpendre da cosinha*)

—Anselmo, que bom seria se pudessemos passar o inverno no Rio? hein? Apreciariamos as novas obras do porto, e a Avenida; que bom, não?

—Ora Cocota, não me falles em cousas tristes, não tens collecionado as gravuras d' O Dia?!

Contenta-te com isso.—

Tá bão, deixa...

CROQUIS

(Na rua Trajano um grupo de crianças)

Bento que bento frade.
Frade.
Na bocca do forno
Forno
Faz o que seu mestre maudar?

(Na occasião passa um professor com uma cartolla no alto da synagoga e uma piteira muito *sebifera* na bocca, com uma ponta de um *quebra queixo folha de couve*

—Ah! meninos!

(E entrou n'uma casa que ja serviu ha tempos de quartel)

Sabemos ter fallecido em S. Gabriel, Estado do Rio Grande do Sul, a exma. sra. d. Maria Alice Pereira de Mello esposa do coronel Affonso Firmo Pereira de Mello e irmã do sr. João Adolpho Ferreira de Mello.

A' exma. familia da finada bem como á todos os parentes apresentamos nossos sinseros pezames.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Fabula

N'uma pequena Villa, outr'ora havia
Um rato sacristão.
A oração bem pouco lhe rendia,—
Mal dava para o pão.

Mas lembrança feliz um certo dia,
Surgira-lhe na mente.
"E fortuna com isto—elle dizia—
Eu faço certamente."

"A igreja não tem santo, (que indecente
Sem sancto um altar)
Mas, de obter um santo, certamente,
O povo ha de gsstar'.

"Num caderno de papel muito limpinho,
Uma lista farei,
E da Villa, sem custo, p'ro Santinho,
Pedindo sahirei",

"Depois, quando tirar o que preciso
P'ra meu negocio arranjar...
Espera ..E'necessario muito ciso.
E' necessario pensar."

"Ora, pensar! Quem falla em pensamento
Nada pode arranjar.
As cousa quando feita de momento,
Nos faz melhor lucrar."

Quanta gente grauda ha que não pensa
Nas trapaças fazer?!
A lista è muito grande, muito extensa,
Dos que *sabem viver*"

Assim pensava o rato. E decidido
Seu projecto ficou.
E ninguem se negando ao seu pedido,
Bem bons *cobres* tirou.

Tirou muito bons cobres, mas. o Santo,
Jamais appareceu.
— *Foi o rato*—dizião, com espanto—
Quem o dinheiro comeu.

A *elle applicarmos uma sova*
Nos cremos, não é mau;
E nos costados do pobre, sem mais nova,
Bateu o rigo pau!

S'teve de cama o rato—o povo riu-se;
Foi bem boa lição
A pedir pela rua, não mais viu-se,
O rato sacristão.

—

Se isto acontecesse
A todos quanto ao povo
Pretendem bem lograr,
De certo não havia
Quem a tremenda sova
Quisesse se arriscar.

La Foutaine II

No «Correio do Povo» de 28 do corrente le-se:

«Na casa do sr. Linhares, abriram tambem com chave falsa, a gaveta onde suppunham encontrar dinheiro, encontrando de facto algum:»

X P T O...Coitadinho
Foi roubado, o pobresinho
Coitadinho causa dó,
Os taes senhores galfarros
Roubaram-lhe muitos cigarros
Mas de vintens, nem um só

IMPERADOR

Foi eleito imperador *constitucional* do Divino para o anno de 1905 o sr. Julio Moura, activo e progressista negociante d'esta praça.

Aos que aspiram vagas nas repartições federaes, nossos parabens, pois junto á S. Magestade poderão com mais facilidade obter as suas *pepineiras*.

E viva o Imperador!

(Do Divino bem entendido; o nosso orgão não é monarchista).

Faz annos no dia 3 do corrente a interessante Esther, filhinha do sr. Hermelino Siqueira.

Tem culumna em toda parte
Estatuas lindas tambem,
Sòmente a nossa praça
E' que uma estatua não tem.

Sabemos, a ultima hora, ter a irmandade do Divino Espirito Santo ter resolvido continuar as arrematações de prendas, de 1 a 4 do corrente.

TAB. TYP. LEALDADE
RUA REPUBLICA 12

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina